



As aparências não enganam.
Quem se engana é você.

É necessário ter certa franqueza
conosco para enxergarmos a real
solução da nossa angústia.

Descubra a verdade que está por trás
das aparências da vida.
A felicidade espera por você.



**SAMUEL
GOMES**

Psicólogo Humanista
Transpessoal, com 20 anos
de vivências na área de
Psicologia e Espiritualidade.



A VERDADE ALÉM DAS APARÊNCIAS
Samuel Gomes | Psicólogo Humanista Transpessoal

Disponível também em ebook
www.editoradufaux.com.br

Samuel Gomes
**A VERDADE
ALÉM DAS
APARÊNCIAS**
o universo interior



EDITORA
DUBAUX

Série Autoconhecimento





A VERDADE ALÉM DAS APARÊNCIAS: O UNIVERSO INTERIOR

Copyright © 2014 by Samuel Gomes

1ª Edição | Agosto de 2014 | do 1º ao 10º milheiro

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO PÚBLICA

GOMES, SAMUEL

A Verdade Além das Aparências: o universo interior

Samuel Gomes.

EDITORA DUFAUX: Belo Horizonte, MG. 2014

272p. 14 x 21 cm

ISBN: 978-85-63365-56-9

1. Autoconhecimento

2. Espiritualismo

I. Gomes, Samuel

II. Título

CDU 133.9

IMPRESSO NO BRASIL

PRINTED IN BRAZIL

PRESITA EN BRAZILLO

EDITORA DUFAUX

R. OSCAR TROMPOWSKI, 810

BAIRRO GUTIERREZ

BELO HORIZONTE - MG - BRASIL

CEP - 30441-123

(31) 3347-1531

comercial@editoradufaux.com.br

www.editoradufaux.com.br



Conforme novo acordo ortográfico da língua portuguesa ratificado em 2008.

Todos os direitos reservados à Editora Dufaux. É proibida a sua reprodução parcial ou total através de qualquer forma, meio ou processo eletrônico, digital, fotocópia, microfilme, internet, cd-rom, dvd, dentre outros, sem prévia e expressa autorização da editora, nos termos da Lei 9.610/98 que regulamenta os direitos de autor e conexos.



EDITORA
DUFaux

Samuel Gomes
**A VERDADE
ALÉM DAS
APARÊNCIAS**
o universo interior

SUMÁRIO

Prefácio, 9

Apresentação, 17

Capítulo 01

O caminho de volta para você, 29

Capítulo 02

Desperte sua necessidade mais importante, 39

Capítulo 03

Onde está a sua força?, 47

Capítulo 04

Desenvolva um novo olhar, 55

Capítulo 05

O amanhecer de um novo dia, 73

Capítulo 06

Máscaras que se desfazem, 95

Capítulo 07

Quem é o seu maior inimigo?, 115

Capítulo 08

Os dois tempos, 127

Capítulo 09

Quem é aquele que busca?, 133

Capítulo 10

A sociedade foi feita para você
ou você foi feito para ela?, 143

Capítulo 11

Liberte-se do que lhe domina, 165

Capítulo 12

Entre em contato com a
natureza de seus conflitos, 175

Capítulo 13

Os perigos de despertar, 187

Capítulo 14

O verdadeiro problema da vida, 195

Capítulo 15

O espelho que você precisa para se conhecer, 205

Capítulo 16

A educação a partir de você, 213

Capítulo 17

O lugar mais importante da vida, 221

Capítulo 18

A única realidade, 227

Capítulo 19

O encontro com a paz, 237

Capítulo 20

Conhecer ou ser a verdade?, 245

Capítulo 21

O despertar do ser, 253





8

OS DOIS
TEMPOS



“Como a palavra espaço, tempo é também um termo já por si mesmo definido. Dele se faz ideia mais exata, relacionando-o com o todo infinito. O tempo é a sucessão das coisas. Está ligado à eternidade, do mesmo modo que as coisas estão ligadas ao infinito.”

Allan Kardec.

A gênese, capítulo 6, item 2.

“É interessante observar que a maior parte de nossa vida é gasta com o tempo, não o tempo no sentido de sequência cronológica, de minutos, horas, dias, meses e anos, mas no sentido de memória psicológica. Vivemos pelo tempo, somos resultado do tempo. A nossa mente é produto de tempos passados, e o presente é meramente a passagem do passado para o futuro.”

J. Krishnamurti.

A primeira e a última liberdade.

O tempo é um fenômeno da existência para o qual é necessário estarmos atentos, principalmente quando estamos ocupados em nos autoconhecer.

Se analisarmos com cuidado, veremos que existem dois tempos conjugando-se em nossas vidas: o cronológico e o mental. O primeiro existe em decorrência do movimento planetário e é perceptível pelos homens. O segundo, por sua vez, é criado por nosso pensamento sempre que nos fixamos às coisas do nosso passado ou a acontecimentos previstos para o futuro. Comparando-os, é fácil perceber que o tempo cronológico acontece naturalmente e de maneira objetiva, real, em contraposição ao

tempo mental, que acontece por meio dos nossos pensamentos, sendo, portanto, ilusório e superficial, pois nos distancia da realidade e cria grande parte de nossos problemas.

Todo movimento mental traz consigo uma quantidade enorme de emoções, que são os fatores perturbadores de nossas vidas. Logo, quando nosso viver está constantemente voltado para nossas lembranças, as quais são projetadas por nós para o futuro, experimentamos o medo: medo de voltar a vivê-las, caso tenham sido dolorosas, ou medo de não vivê-las novamente, caso tenham sido prazerosas. Daí surgem sentimentos como a ansiedade e tantos outros comuns aos dias de hoje, que são efeito desse modo de viver que nos afasta dos aspectos reais de nossa existência, daquilo que acontece no “agora”.

O agora é o único tempo que existe para que nossas ações determinem os rumos de nossas vidas. Viver restritos ao tempo mental é criar uma cronologia falsa e doentia. Afinal, nossas lembranças, sejam elas boas e ruins, sustentam o tempo psicológico, determinando quem somos e distanciando-nos do agora.

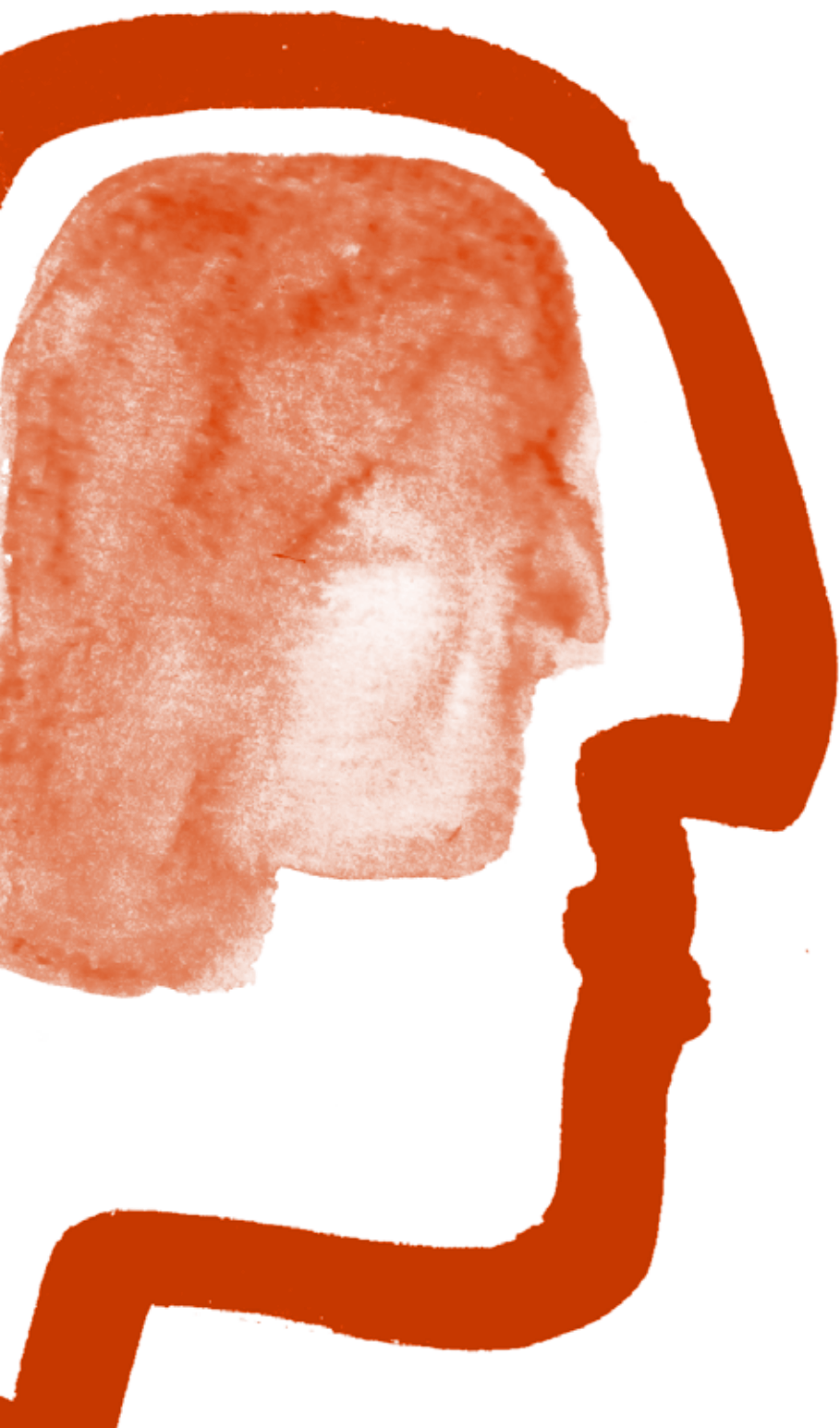
Precisamos compreender que viver os prazeres e as dores das experiências quando elas estão de fato

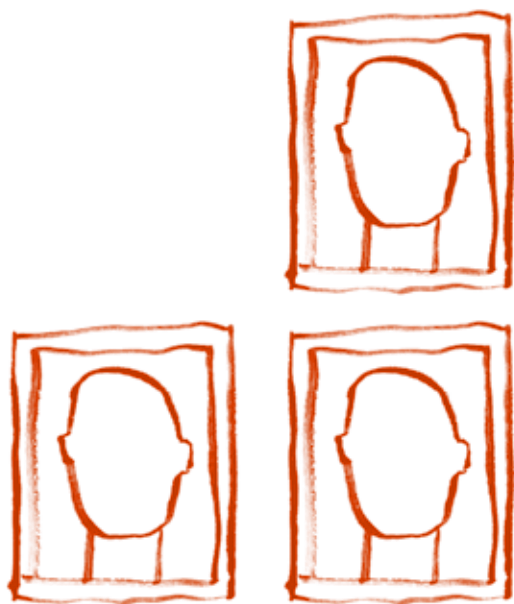
acontecendo é a única maneira de aprender com elas verdadeiramente. Nessa vivência plena de cada acontecimento, encerramos a experiência quando ela termina, abrindo-nos para que ela ocorra novamente.

Muitas pessoas, não sabendo como se livrar das amarras do tempo mental, perguntam se é possível parar de pensar. No entanto, o problema não é esse. Pelo contrário, ao criarmos uma resistência aos pensamentos, nós os fortalecemos, aumentando nossa dificuldade em lidar com eles.

Nossos pensamentos, emoções, corpos, profissões, funções, roupas, entre outros tantos aspectos, são instrumentos para enriquecer as nossas vidas e não para determinar quem somos. Se conseguirmos organizá-los, colocando-os em seu devido lugar, eles proporcionarão o despertar de nossa sabedoria em viver e uma nova inteligência em agir.

As constatações aqui expostas só terão importância se conseguirmos, cada um, notá-las de forma clara no exato momento em que elas ocorrem em nossas vidas. Com essa percepção, conquistaremos, paulatinamente, o entendimento de tudo o que nos acontece e conduziremos uma ação espontânea de transformação real em nossa maneira de viver.





10

**A SOCIEDADE FOI
FEITA PARA VOCÊ
OU VOCÊ FOI FEITO
PARA ELA?**

“A vida social está na Natureza?

‘Certamente. Deus fez o homem para viver em sociedade. Não lhe deu inutilmente a palavra e todas as outras faculdades necessárias à vida de relação.’”

Allan Kardec.

O livro dos espíritos, questão 766.

“Então, você e eu somos o problema, não o mundo, porque o mundo é a projeção do que somos e, para compreender o mundo, precisamos primeiro compreender a nós mesmos. O mundo não é algo separado de nós. Nós somos o mundo, e nossos problemas são os problemas do mundo.”

J. Krishnamurti.

A primeira e a última liberdade.

“O lar coletivo, definindo afinidades raciais e interesses do clã, é o conjunto das emoções e dos pensamentos daqueles que o povoam. Entre as fronteiras vibratórias que o definem, por intermédio dos breves aprendizados “berço-túmulo”, que denominamos existências terrestres, transfere-se a alma de posição a posição, conforme os reflexos que haja lançado de si mesma e conforme aqueles que haja assimilado do ambiente em que estagiou.”

Emmanuel pela psicografia
de Chico Xavier.

Pensamento e vida.

Será a sociedade o resultado dos nossos relacionamentos uns com os outros? Somos nós diferentes da sociedade ou somos a própria sociedade? A sociedade nos impõe ser quem somos? Quando dizemos que “a culpa é da sociedade”, estamos a transformando em um ser?

Todas essas dúvidas são desafios para nossa concepção da vida, influenciando, a todo o tempo, a forma como somos.

A sociedade é um campo de desenvolvimento de nosso espírito no qual a inconsciência preponderou. Isso significa que o desenvolvimento de nosso ser dentro do mecanismo da lei de causa e efeito nos relacionamentos com grupos e raças acarretou, até aqui – momento em que ainda não sabemos quem somos –, o modo como agimos.

Atualmente, em sociedade, temos a obrigação de possuir uma excelente condição financeira para que possamos pertencer às melhores classes sociais e para sermos importantes devido aos nossos títulos. Tudo isso nos induz a um consumismo cada vez maior e, com todas essas demandas, entramos em um ciclo doentio de viver, sendo constantemente submetidos a cobranças e a pressões externas e internas. Ao aderirmos a esse estilo de vida sem

questionamento, afastamo-nos da natureza simples e pura do nosso ser e perdemos a oportunidade de sermos felizes com o que somos.

Outra distorção presente na sociedade é o nosso desejo de nos sentirmos amados, respeitados e reconhecidos, adequando-nos constantemente ao que as pessoas querem que sejamos. Analisemos alguns exemplos: quando uma mãe fala ao filho que, se for obediente, ele será um bom menino, ele tentará, então, ser obediente sem compreender exatamente o que isso significa. Da mesma forma, quando um professor diz que o aluno é inteligente porque ele tira uma boa nota, o aluno tentará a todo custo permanecer com essa imagem, criando um conceito superficial de que ser inteligente significa apenas deter muitas informações e tirar boas notas. Esses estímulos nos levam a deixar de investigar o saber profundo das nossas condições e fazem com que nos dediquemos a ser superficialmente aquilo que nos induziram a ser.

Na base dessa distorção, está o medo, que é o oposto do ser.

O medo nos paralisa e não nos deixa ser espontâneos no momento em que somos chamados a agir acertadamente diante dos desafios de crescimento

da vida, criando fatores de distanciamento da nossa autêntica condição de ser quem somos. Quando perdemos o contato com o que somos, estamos perdendo contato com o mundo. Para nos encontrarmos, precisamos estar conosco.

Termos lucidez sobre isso tudo é importante para que não sejamos joguetes da sociedade e de suas convenções morais, as quais se encontram distantes da moral espiritual, que é a essência do próprio ser. Adequarmo-nos a esses padrões morais significa exercermos a disciplina para não errar, sendo esse proceder necessário para aqueles que não conseguem se encontrar consigo mesmos, posto que essa atitude superficializa o comportamento e proporciona a perda de qualidades, como a criatividade e a espontaneidade.

Adquirir virtudes da maneira como fazemos hoje está em perfeito acordo com nosso atual estágio de desenvolvimento, pois, na condição humana, as virtudes são conquistadas de fora para dentro, por meio da apreensão de conceitos e do exercício prático deles. Essa é, também, a razão de perdermos tais virtudes, pois elas não foram desenvolvidas em caráter permanente. Afinal, quantas vezes falamos: “Perdi a paciência”, “Perdi a fé”, “Perdi a cora-

gem”?. Isso acontece porque essas virtudes foram apreendidas de fora para dentro, mas não foram descobertas em nosso íntimo.

Ser virtuoso, ao contrário do que pensamos até agora, não significa adquirir virtudes, mas sim despertar o potencial da inteligência que nasce do ser. Para conquistarmos nossa plenitude, não precisamos adquiri-las, pois elas sempre estiveram potencialmente dentro de nós.

Quando a sociedade se impõe, ela se torna mais importante do que a própria criatura, deturpando o que é verdadeiro. O homem passa a ser um objeto da civilização, uma máquina que deve repetir e reproduzir o que a sociedade quer. Perde-se, dessa forma, a criatividade, que é atributo do ser. Certamente, nos aspectos práticos e funcionais, a sociedade cumpre seu papel, até que o homem possa incorporar esses aspectos em si e possa, também, em algum momento do crescimento pessoal, dispensar essas indicações exteriores.

Até aqui, a sociedade tem sido instrumento de apoio à inconsciência de muitos, e o indivíduo que ignora essa realidade se insere nesse movimento e sustenta a construção de falsos valores. Faz-se necessário, portanto, mudar a forma de nos concebermos, pois

não somos o nome que usamos, a sexualidade que expressamos, a profissão que exercemos, a família de onde viemos nem tantas outras formas de designação do nosso ser. Essas funções são atribuições que caracterizam nossa capacidade de desenvolver a inteligência essencial em cada acontecimento da vida. Ao ter ciência dessa dinâmica, nos aproximamos cada vez mais daquilo que somos: espírito.

Essa fase de disciplina, para muitas pessoas, já está passando, e ter a capacidade de ser o que somos – espírito – é o que vai alavancar o surgimento de novos valores para nós e para a vida planetária em seu desdobramento de potencial e possibilidades.

A visão de nós mesmos e do outro dentro dessa nova perspectiva proporcionará a satisfação de todos, e não mais das partes. Uma visão abrangente romperá com todos os rótulos, em uma perspectiva da expressão da natureza criativa individual que reflete o universo. Essa nova proposta de vida influenciará a formação de uma nova sociedade, que crescerá além das induções superficiais geradas pelas nossas mentes e pela nossa forma atual de viver.

Hoje, dentro da perspectiva do autoconhecimento, somos convidados a aproveitar o período da convivência em sociedade para criar uma nova per-

cepção de quem somos, não aceitando mais suas diretrizes na formação de nossa personalidade. Devemos utilizar a sociedade para que venhamos a exercer funções pontuais nos acontecimentos do agora, como quando estamos educando filhos na função materna ou paterna; quando estamos dirigindo um carro no objetivo de chegar a algum lugar; quando estamos ocupados em nossa profissão exercendo as atividades que lhe são próprias, etc. Exercendo nossas funções apenas como aspectos pontuais de nossa vida, não nos identificaremos mais com a personalização de pai, mãe, motorista, engenheiro ou secretário; passaremos a ser agentes de inteligência.

A sociedade foi feita para o homem ou o homem foi feito para a sociedade? O entendimento dessa questão se relaciona ao que Jesus disse: “[...] O sábado foi feito por causa do homem e não o homem por causa do sábado.”¹

Quando não nos conectamos com nossa essência espiritual, impomos ostensivamente nossos valores aos outros e até a nós mesmos, colocando-nos contrários à sociedade e às ideias nela vigentes, na tentativa de afirmação de quem achamos ser. Essa

¹ Marcos 2:27.

atitude é superficial e não implica uma proposta válida de mudança.

A consciência libertadora está no autoconhecimento, que desperta a inteligência natural do nosso ser para nos conectarmos com um novo modo de agir. Essa nova visão é importante para a liberdade efetiva, pois, somente por meio dela, não estaremos nunca contra alguma coisa, grupos ou ideologias, mas sim abertos para a compreensão do contexto em que cada um deles se insere.

Nessa nova sociedade, o medo não terá vez, e sim o surgimento da educação baseada no autoconhecimento e no desdobramento de todos os potenciais vivos da inteligência infinita, sob influência direta da imortalidade.

É importante, antes de tudo, identificar quem somos na sociedade sem negar nossas reações e comportamentos nela, de forma que possamos nos libertar das cadeias colocadas nos relacionamentos com o outro. Não serei quem sou se não destruir em mim o que não sou.

Perguntas e respostas

Foi dito que não devemos ser nosso nome, nosso sexo, nossa profissão, nossa família nem ou-

tras tantas formas de designação. Nesse caso, quem somos nós sem essas referências?

Somos a essência inteligente, e não a valorização dos papéis assumidos, temporariamente, por essa essência. Logo, não podemos ser definidos por aquilo que fazemos.

Quando perdermos essa referência, aproximaremos-nos do espírito criador, o qual se expressa por meio da capacidade de utilizarmos esses papéis sociais para despertar nossa inteligência.

Qual visão devemos adquirir para alcançarmos a liberdade em relação à sociedade?

Precisamos compreender que não devemos mais ser fruto de formação da sociedade, pois quem determina a ação na sociedade somos nós. A exemplo de Jesus, que disse que “[...] O sábado foi feito por causa do homem e não o homem por causa do sábado.”, devemos entender que a sociedade foi feita para nós, e não nós para ela.

Devemos então agir em conformidade com o que achamos ser coerente?

Isso mesmo, e a coerência tem de estar ligada à essência do ser, em vez de estar simplesmente em conformidade com o que a sociedade nos propõe.

Na nova sociedade, como poderemos nunca estar contra alguma coisa?

Com a legítima revolução pessoal, não lutamos contra nada, pois, por meio dela, descobrimos uma transformação que não depende de imposição nem de convencer ninguém. Podemos, dessa forma, compreender o contexto em que cada grupo ou ideologia se impõe, sem nos colocarmos contrários a eles.

O espírito é uma virtude?

A ação do espírito torna-se aquilo que chamamos de virtude.

Fomos, até aqui, estimulados pelo mundo exterior na aquisição de nossas virtudes?

Sim. Esse fato é característico do espírito na condição humana, que pratica uma virtude até se aprimorar nela. Como espírito, as virtudes despertarão em nós naturalmente, não sendo passíveis de perda.

Se quisermos adquirir a paciência, não a conseguiremos perseguindo-a. Com o autoconhecimento, notaremos que a causa da nossa impaciência reside em nosso temperamento egoísta e arrogante. Somente quando conseguirmos mudar nosso com-

portamento é que não teremos mais a necessidade de querer adquirir a virtude da paciência, pois a desenvolveremos naturalmente.

Na vida em sociedade, ao obedecermos ao conjunto das regras sociais, estamos sendo manipulados?

Sim, podemos ser manipulados quando nos colocamos na posição de responder às expectativas dos outros. Muitas vezes, pode não parecer uma manipulação, no entanto, há um nível de interesses nesse jogo de relacionamentos no qual devemos transparecer que somos pessoas nobres, respeitáveis, honestas, capazes, do bem. Em alguns momentos, essa manipulação se faz evidente, em outros, não. Independentemente disso, reflete-se, dada essa necessidade de parecermos ser o que não somos, a presença da hipocrisia em muitas de nossas relações.

Então, não é a sociedade que nos manipula, mas sim nós mesmos?

Exatamente. Por isso a pergunta: a sociedade é uma personalidade que nos manipula ou nós somos o conjunto de relacionamentos que sustenta a sociedade?

Relacionamo-nos com a sociedade como se ela fosse um ser, mas, em verdade, nós somos a sociedade ao nos relacionarmos com o outro. Quem dita as regras são as pessoas que constroem os relacionamentos e, portanto, somos a sociedade que manipula o outro e deixa que o outro nos manipule.

Por que estamos distantes da moral verdadeira?

A moral verdadeira nasce da essência espiritual do ser, portanto, nós a temos naturalmente em nosso espírito e não precisamos demonstrá-la. Sempre que somos naturalmente espíritos, somos também a expressão dessa moral.

Atualmente, entretanto, há uma necessidade de criar uma moral social para que haja certo nível de harmonia entre os homens. Além disso, existe ainda a falsa moral, que surge quando queremos demonstrar ser, perante os outros, aquilo que não somos.

Com essa vivência, não corremos o risco de pensar a moral?

Sim, e pensar a moral é muito perigoso, pois estamos falando de uma moral que não conseguimos viver, só idealizar.

Foi dito que nos padronizarmos a uma moral é disciplinar-nos para não errar. Essa padroni-

zação ocorre em relação a qual moral: social, transitória ou religiosa?

À moral transitória. Viver em sociedade nos conduz a essa padronização, por ora indispensável, até que deixemos de lado essa necessidade de adaptação e possamos a nos entregar à moral verdadeira, que vem do espírito.

Por que, quando alguém pensa algo positivo sobre nós, tentamos nos comportar de forma a manter essa imagem?

Na condição humana, não conseguimos ainda ser espírito nem temos contato com seus imensos valores. Por isso, adaptamo-nos a situações que mais nos gratificam, principalmente no que diz respeito à aprovação da nossa autoimagem.

Deveríamos viver naturalmente nossa condição de ser, mas, como não conseguimos isso ainda, criamos as adaptações para agradar aos outros.

No reino humano, o espírito não sabe que é espírito?

Não só no reino humano, mas em todos os reinos anteriores. Não temos dúvida de que somos seres humanos, porque sentimos isso de forma patente,

mas temos dificuldade de aceitarmos que somos espíritos, pois não percebemos essa virtude em nós.

Para darmos o salto de homem para espírito, não podemos mais viver como homens, temos, sim, de retornar à condição essencial daquilo que somos. Dessa forma, não vamos pensar ser, vamos simplesmente ser.

O que somos no reino humano é fruto da educação. O motorista é motorista porque estudou para dirigir; o biólogo é biólogo pela mesma razão, e assim por diante.

Como não conseguimos estudar para sermos espírito, não alcançaremos essa percepção pela educação formal, mas sim pelo autoconhecimento.

Por que o medo é o oposto do ser?

Porque não queremos perder quem achamos que somos. Exemplificando: se alguém nos diz que somos bons, temos medo de acreditar que não somos, de forma que nosso medo é a razão de mantermos nossos comportamentos e de não investigarmos sua origem mais profunda. Temos medo de não ser quem “devemos” ser.

O medo impede nosso ser de se manifestar e, portanto, a outra forma de vermos o medo seria “não ser”.

Quando perdemos a necessidade de afirmar quem somos, ou seja, quando não desejarmos reconhecimento por aquilo que fazemos, vamos ser espíritos. Nesse momento, sairemos desse padrão de querer definir quem é o ser e poderemos sê-lo de fato.

Para que isso ocorra, contudo, temos de destruir o que não somos, e isso é o que o medo sustenta.

Observemos Deus: não podemos definir o que Ele é, pois só sabemos o que Ele não é (parcial, vingativo, injusto e todas as outras características humanas que conferimos a Ele). Temos, portanto, de chegar a uma condição da própria existência de Deus, que é anônima.

Esse “não ser” pode ser relacionado à fala de Jesus, quando Ele disse “eu e o Pai somos um”?

Sim. Essa é a condição mais profunda na qual o espírito pode viver. Em sua fala, Jesus tira sua personalização para que a ação divina passe por Ele, não se destacando em sua ação. Por isso, Ele e o Pai são um.

Há pouco tempo, li a respeito de um trabalho mediúnico que evidenciava a ação de Deus. O narrador observou que, trabalhando junto ao médium, havia espíritos em diferentes hierarquias e, à medida que

o trabalho se intensificava, todos os envolvidos, desde o médium até o espírito mais elevado, foram banhados por uma grande luz que “apagava” todas as personalidades, como a dizer que, a partir dali, quem operava era Deus. Eis aí mais um exemplo dos ensinamentos de Jesus.

Como distorcemos a realidade de nosso ser espiritual?

Em O evangelho segundo o espiritismo, encontramos o seguinte trecho: “Em sua origem, o homem só tem instintos; quando mais avançado e corrompido, só tem sensações [...]”.²

A distorção ocorre justamente quando deixamos de ser quem somos para nos personalizarmos por sensações, como corpo, dinheiro, carro, família, profissão e tantas outras expressões da nossa existência.

Como se dá o processo de personalização?

Vamos exemplificar: quando alguém nos pergunta quem somos e dizemos “sou cozinheira”, estamos nos definindo por uma profissão. Contudo, se alguém acentuar: “você é uma ótima cozinheira”, a personalização se evidenciará ainda mais.

² O evangelho segundo o espiritismo, capítulo 11, item 8.

Antes, personalizávamo-nos pela profissão. Agora, após o elogio, vamos querer nos personalizar por essa nova informação, ou seja, vamos querer ser mais do que o profissional, mas sim o melhor profissional. Aquilo passa a ser tão importante, que desejamos nos manter naquela posição de destaque e colocamos essa condição como objetivo central da nossa vida.

A consequência disso é, claro, o sofrimento, pois passamos a disputar com outras pessoas.

É correto dizer que a sociedade se impõe por meio de um papel diretivo, formativo e instrucional?

Isso mesmo. Quando temos entendimento de que os valores impostos pela sociedade são bons, nós os vivemos na construção da harmonia social. Na condição de espíritos despertos, todas essas características não serão colocadas de fora para dentro, pois distinguiremos claramente, pela sensibilidade interior, quais são as atitudes corretas, de forma que isso tudo se torne natural.

Dentro da análise que você fez, eu só sou esposo ou esposa na hora que estou na vida de relação, correto? Isso significa que, quando saio dali, eu não sou mais?

Temos fixações em papéis transitórios que nos iludem. Se eu não estou vivendo a experiência no exato momento em que ela acontece, então a estou imaginando, e isso é ficção, pois qualquer coisa que façamos pelo pensamento é ilusão. Logo, se estou aqui nesta sala agora, sem minha esposa, então, nesse momento, não sou esposo. Da mesma forma, se eu me lembrar da minha esposa, isso não me faz ser esposo, pois só o serei quando ela estiver ao meu lado.

Como os novos valores nascerão da sensibilidade do espírito?

Façamos uma analogia: muitas pessoas jogam lixo pela janela do carro e só vão parar de fazer isso quando uma lei for criada proibindo essa ação, punindo-as quando isso acontecer. Contudo, há também as pessoas que carregam uma sacolinha plástica para guardar seu próprio lixo, sem temer a lei ou qualquer relação social.

As pessoas que agem dessa segunda forma têm discernimento da importância desse comportamento para a vida do planeta e, portanto, tem esse potencial desperto no próprio espírito. Para elas, a lei não é necessária.

O que vai determinar o surgimento dos novos prismas para a vida planetária?

Nosso contato com nossa própria natureza.

Jesus é a expressão da essência universal do ser. Logo, se também somos espíritos, por que ainda não nos expressamos dessa mesma forma?

Apesar de sermos também espíritos, ainda não sabemos nos identificar com essa condição, porque nos fixamos em elementos de identificação, os quais não constituem a natureza do espírito. Ao perdermos essas identificações, começaremos a nos aproximar da nossa essência e, por não termos mais valores personalísticos, refletiremos a essência do Criador.

A essência do Criador está no universo?

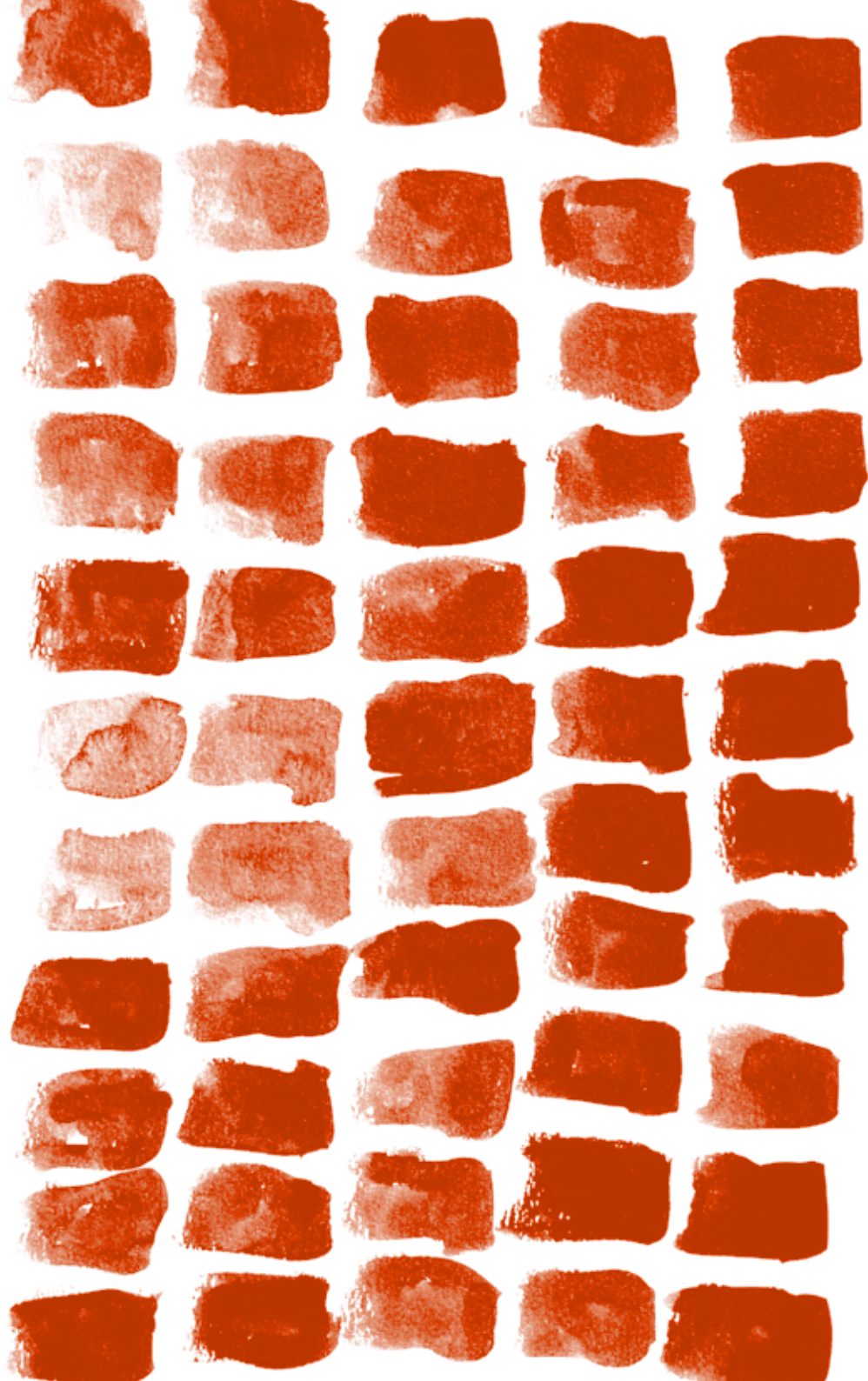
Sim, por isso a expressão “inteligência” é usada para definir o espírito, princípio inteligente da criação, e Deus, que é a Inteligência suprema do universo.

A inteligência a que nos referimos aqui não se restringe à nossa intelectualidade, que é apenas uma faceta da inteligência maior, mas diz respeito também às muitas outras faces da inteligência

espiritual, como amor, arte, comunicação, sensibilidade, entre outras.

Quando unirmos todo esse potencial, encontraremos-nos na condição única de ser.





FICHA TÉCNICA

Título

A Verdade Além das Aparências: o universo interior

Autoria

Samuel Gomes

Edição

1ª

Editora

Dufaux (Belo Horizonte MG)

ISBN

978-85-63365-56-9

Capa e ilustrações

Tiago Macedo

Revisão ortográfica

Débora Couto e Thaísa Moreira

Revisão da diagramação

Nilma Helena

Projeto gráfico e diagramação

César França de Oliveira

Coordenação e preparação de originais

Maria José da Costa e Nilma Helena

Composição

Adobe Indesign CS6, plataforma Windows

Páginas

272

Tamanho do miolo

Miolo 14 x 21 cm

Capa 14 x 21 cm com orelhas de 8 cm

Tipografia

Texto principal: Garamond, 13, 17,5

Título: D Sari, 25

Notas de rodapé: Garamond, 10, 12

Margens

25 mm: 20 mm: 30 mm: 20 mm

(superior:inferior:interna;externa)

Papel

Miolo em ofsete 90 g/m2

Capa Suzano Supremo 250 g/m2

Cores

Miolo 1x1 cores CMYK e

PANTONE 2025 U

Capa em 4x0 cores CMYK

Impressão

Gráfica Vida e Consciência

(São Paulo/SP)

Acabamento

Miolo: brochura, cadernos costurados e colados.

Capa: brochura, laminação BOPP fosca, verniz UV com reserva.

Tiragem

10 mil exemplares

Produção

Agosto/2014